

A TVE E SUA NOVA DIREÇÃO ADMINISTRANDO A ESCASSEZ

Deborah Dumar

ROBERTO Parreira deixou a direção executiva da Funarte — receita própria de Cr\$ 110 milhões — para assumir a da TV Educativa, no momento com apenas Cr\$ 350 mil em caixa, um equipamento quase obsoleto e uma programação de estilo indefinido. Para ocupar a superintendência de produção da emissora, vaga há cerca de um mês, desde que Fernando Pamplona dela se afastou, Parreira convocou o jornalista Fernando Barbosa Lima (responsável pelo programa Canal Livre, da TV Bandeirantes). Ronaldo Norde passou da direção executiva para a consultoria. Por enquanto, não há previsão de outras mudanças de cargos.

— Empossado na tarde de segunda-feira, Parreira começou seu dia dando aulas de Direito nas faculdades de Economia e Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro:

— Caxiasmente, fui dar aula. Antes de mais nada, sou um professor.

Ele não anunciará logo novos planos para a TVE, pois sua primeira preocupação é conhecer as reais condições da emissora e suas possibilidades. Parreira não se assusta com as limitações técnicas impostas pela obsolescência do equipamento e quer, antes, resolver a questão orçamentária:

— Com o equipamento da casa, podemos realizar um trabalho, embora com dificuldades. Nossa principal preocupação é a busca de recursos para fazer esse trabalho. O que temos disponível no momento dá apenas para manter a luz acesa e a porta aberta. Nenhuma reformulação em termos de programação ocorrerá antes de maio.

Uma suplementação de verba foi aprovada pela Secretaria de Aplicações Tecnológicas do MEC e já esta semana a TVE deverá receber uma primeira parcela, cerca de Cr\$ 91 milhões.

— Em uma área, e sem comprometer o equipamento, buscaremos aumentar a receita industrial. Em outra, obter um volume de recursos compatível com a proposta que queremos desenvolver.

A TVE conta atualmente com 927 funcionários — a TV Globo, só no Rio, tem 3 mil 800 — espalhados pela diretoria (cinco), em cargos administrativos (225), na produção (333), em operação (324) e, integrando o grupo de apresentação (locutores, comentaristas, atores, músicos etc.), 40 pessoas. O orçamento para este ano se aproxima dos Cr\$ 600 milhões, dos quais Cr\$ 400 milhões já foram deferidos. Nessa verba se incluem as despesas com o pessoal (Cr\$ 384 milhões, sem contar os reajustes semestrais), com a produção (Cr\$ 84 milhões), com a operação (Cr\$ 90 milhões), com o equipamento (Cr\$ 20 milhões) e com a administração (Cr\$ 112 milhões). O prédio da emissora jamais sofreu uma reforma que visasse a luxo. Tem sido apenas conservado, desde que foi construído às pressas para receber o equipamento técnico. Era o Teatro República, que foi abaixo para nele nascer a estação, em 1970.

A arquiteta Sônia Alheira, que acumula os cargos de superintendente de administração geral e responsável pelas obras, "sem ganhar mais por isso", confirma a quase obsolescência do equipamento.

— Ele funciona 24 horas por dia. Há três anos, a nossa cota de importação é de Cr\$ 350 mil, a despeito de todas as dificuldades e do desgaste do material utilizado. Não temos qualquer prioridade nas áreas ligadas à importação e precisaríamos, no mínimo, do dobro dessa cota para cobrir as importações iniciadas em 79 e que até agora não puderam ser confirmadas. Só podemos pedir financiamento a agências bancárias oficiais e levamos um ano para conseguir o aval do Banco do Brasil e mais seis meses para obter o certificado de prioridade, nas últimas importações, em Brasília.

Segundo ela, seria necessário o dobro da cota destinada este ano à emissora, para reforçar e descansar o equipamento, além de mais uma cota, no valor da atual, para peças de reposição.

— Precisamos dar um descanso ao equipamento para que sua manutenção se torne possível. A nossa política é levar avante o projeto de tornar a TV Educativa uma realidade irreversível. Se quiséssemos dar maior fausto às nossas instalações, não teria sobrado dinheiro para cumprir essa finalidade. Por essa razão, o prédio jamais sofreu qualquer adaptação que pudesse atender à rapidez de nosso crescimento.

Roberto Parreira, que se declara qualquer tipo de precipitação, acha que a questão do equipamento pode ser resolvida a médio prazo, com o apoio da SEAT:

— A Secretaria tem de vencer esse problema. E nos cabe encontrar uma padronização básica com um ajuste ao novo tempo. Buscar pólos regionais de produção e realizar um intercâmbio também de equipamentos ou usar o de outras emissoras.

Alegando querer criar um grupo de criação do qual fariam parte determinados profissionais da casa, Barbosa Lima e ele, Parreira pretende discutir internamente as questões e fixar um público-alvo. Isso servirá de subsídio para Fernando Barbosa Lima traçar a linha de programação. Parreira prossegue:

— E eu criarei a estrutura para que o Fernando possa realizar o seu trabalho. Serei mais uma espécie de administrador, dando condições para que as coisas sejam feitas.

CLÁUDIO Figueiredo, Secretário de Aplicações Tecnológicas do MEC, avaliza os planos de Parreira e está confiante em sua administração. No caso específico da Funarte, em relação ao afastamento do diretor executivo, ele afirma que não mexeu em time que estava ganhando. Trocou, apenas, as posições.

No discurso proferido na cerimônia de posse, ele afirmava que "Roberto Parreira traz a experiência dos vitoriosos". Agora confirma o cuidado com que será tratada a emissora:

— Não somos competitivos mas temos que conhecer a linguagem do veículo e interpretar a clientela para que se descubra a metodologia.

Ronaldo Norde, o funcionário com carteira número um da emissora, não teve tempo suficiente para ver o projeto 81-82 se concretizar. Sem jamais ter tirado férias, como o equipamento da casa, Norde integra a TVE desde que ela não passava de um projeto, que ele ajudou a traçar. Sempre ocupando cargos de direção, Norde assumiu o de diretor-executivo em 79, deixando o de superintendente técnico. Com a morte de Gilson Amado, passou a trabalhar ao lado do professor Emanuel Carneiro Leão (atual diretor da Escola de Comunicação da UFRJ) e de Muniz Sodré (professor de Letras e Comunicação na UFF e na UFRJ). O projeto 81-82 excluía, de início, a pretensão de tornar a TVE um veículo competitivo e estabelecia diferenças entre o produto da televisão comercial e o que deveria ser o de uma televisão educativa.

— A TVE não pode, nem quer, competir com as emissoras comerciais — declarava Carneiro Leão na semana passada. "Mesmo porque não tem condições para isso. A prioridade é a educação, os telespectros de 1º e 2º graus, o pré-escolar".

A permanência de programas sobre futebol (as transmissões de jogos dão a maior audiência da emissora) é defendida por todos. Para Cláudio Figueiredo, é importantíssima. Para Carneiro



Roberto Parreira recebe a TVE com apenas Cr\$ 350 mil em caixa

ro Leão, presidente da estação, "a concretização da finalidade dos programas educativos é ter esportadores; não adianta transmitir o melhor programa se a ele ninguém estiver assistindo". Para Muniz Sodré, consultor técnico, o futebol é fundamental em qualquer programação de TV:

— Futebol não é um simples esporte no Brasil. É uma forma de expressão dramática popular, o maior teatro nacional. Quanto ao carnaval, com transmissão direta de mais de 80 horas e de diversos pontos do país, é uma festa nacional que passou a ser empresarialmente dirigida. Nós transmitimos para as nove emissoras do Sistema Nacional de Televisões Educativas (Sinted) o carnaval de nove Estados, o carnaval de rua.

O Sinted surgiu na gestão anterior a Parreira e estabeleceu o vínculo entre as nove emissoras educativas e universitárias do país. A TVE, que tem a responsabilidade de produzir quatro horas e meia diárias, é a cabeça desse sistema. Outra conquista da gestão Norde se refere ao sucesso dos telespectros. O projeto Conquista, que compreende as quatro últimas séries do 1º grau, arregimentou cerca de 50 mil espectadores. Mas Cláudio Figueiredo revela que outras atribuições serão conferidas à emissora.

— Nem tudo que foi produzido irá ao ar. Os 500 mil professores leigos serão treinados na TVE, gerando recursos para a casa. No Nordeste será criada uma rede regional em que serão mantidas as individualidades de públicos específicos, de cada área. Mas a TVE terá que executar seus projetos com suas próprias condições, descobrir suas potencialidades. Como deverá ser no Rio Grande do Norte, em Pernambuco, no Ceará etc.

O Sinted sofrerá uma adequação coerente com a nova política educacional e nesses projetos estão incluídos os eventos da Funarte e as conferências nas universidades. A Rádio MEC será acionada para levar ao meio rural o mesmo teor de informações que as televisões educativas propagarem. Na política do MEC, cada órgão deverá prestar serviços ao outro, gerando recursos entre si. Quanto ao equipamento tecnológico, ele deverá integrar a política global, "mas sem sofisticação", segundo Cláudio Figueiredo.

— Nessa estrutura global, é preciso manter as individualidades de cada setor, planejar cada tostão, respeitar os diversos ambientes culturais. Estamos administrando a escassez.

Quanto à cessão de verbas à Fundação Roberto Marinho para que realizasse o seu telecurso de 1º grau, quando já existia um no veículo próprio (TV Educativa), Cláudio Figueiredo não vê por que não inventar os que se propõem a contribuir na área educativa. Anuncia o Consórcio das Universidades, lembra que a Universidade de Brasília está filmando os eventos culturais para envia-los a outras do país, ressaltando os acordos internacionais de cooperação na área e cita a doação de uma firma japonesa à Universidade de Pernambuco, que conta agora com um considerável centro tecnológico. A despeito das carências mais imediatas das universidades, ele acha importante provê-las tecnologicamente. Acredita que na ausência de horizontes culturais mais amplos da adolescência, seja "de responsabilidade dos professores nas salas de aula" essa formação. E como Parreira, faz questão de frisar:

— Antes de mais nada, sou um professor.